



doi: <http://dx.doi.org/10.7213/psicolargum.39.107.AO14>

Relações entre tecnologias de informação e comunicação e interações familiares: revisão narrativa-sistemática da literatura

Relationships between information and communication technologies and family interactions: systematic-narrative literature review

Gabriela Beatris Garzella¹

Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
<http://orcid.org/0000-0002-5251-2724>
gabrielagarzella@gmail.com

Jacqueline Raquel Bianchi Enricone

Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
<http://orcid.org/0000-0002-9158-8211>

Isabella Lise Perin

Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
<http://orcid.org/0000-0001-8907-1216>

Luiz Henrique de Souza

Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
<http://orcid.org/0000-0003-2788-7556>

Angélica Paula Neumann

Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
<http://orcid.org/0000-0001-5888-0360>

¹ Agradecemos à URI – Campus de Erechim pela bolsa de Iniciação Científica e pelo financiamento do projeto.

RESUMO

As tecnologias de informação e comunicação (TIC's) fazem parte do cotidiano de indivíduos de todas as faixas etárias e em diferentes contextos, interagindo também com as relações familiares. Diante disso, realizou-se uma revisão narrativa-sistemática de literatura com o objetivo de compreender as relações entre o uso das TIC's por crianças de 10 a 12 anos e as interações familiares. O levantamento dos artigos foi realizado nas bases de dados EBSCO, PsycINFO e BVSPsi. Após os procedimentos de seleção, 12 artigos compuseram o corpus de análise. Os resultados foram organizados em três categorias temáticas: Padrões de uso das TIC's; Preocupações dos pais acerca do uso das TICs pelas crianças e estratégias de regulação parental; e Relações entre o uso das TIC's e as interações familiares. Verificou-se fácil acesso aos dispositivos digitais e alta frequência de uso pelas crianças. Os pais demonstraram preocupações sobre os riscos que seus filhos correm ao utilizar as tecnologias, mas, ao mesmo tempo, apresentaram dificuldades acerca de como monitorar esse uso. As estratégias de controle parentais eram diversificadas, e os estudos investigaram mais o controle do tempo de uso do que dos conteúdos acessados. O uso das TICs pelas crianças pode impactar positiva ou negativamente nas interações familiares. Recursivamente, a dinâmica relacional da família influencia na forma deste uso. Percebe-se necessidade de aprofundar estes conhecimentos por meio de novos estudos e de compreender as relações circulares e as retroalimentações entre todos os elementos identificados.

Palavras-chave: crianças, tecnologia da informação, relações familiares.

ABSTRACT

Information and communication technologies (ICTs) are part of the daily routine of individuals of all age groups and in different contexts, also interacting with family relationships. Taking that into account, this systematic-narrative literature review aimed to understand the relationships between the use of ICTs by children aged 10 to 12 years and family interactions. The articles reviewed were retrieved from databases such as EBSCO, PsycINFO, BVSPsi and 12 articles comprised the corpus after the selection procedures. The results led to three thematic categories: ICT use patterns; Parents' concerns about the use of ICTs by children and parental regulation strategies; and Relationships between the use of ICT and family interactions. The results yielded that children could easily access digital devices and had a high frequency of use. Parents expressed concerns about the risks that their children are vulnerable to when using technologies. They also have struggled establish strategies to supervise the use of ICTs by their children. Parental control strategies were diverse, and studies investigated more parental supervision on the length of time children spent using technologies rather the content they accessed. The results showed that the use of ICTs by children can positively or negatively impact family interactions as the family's relational dynamics can also influence the way children use ICTs. There is a need to deepen this knowledge through new studies and to understand circular relationships and feedback between all identified elements.

Key-words: child, information technology, family relations.

RESUMEN

Las tecnologías de la información y la comunicación (TIC) forman parte del día a día de las personas de todas las edades y en diferentes contextos, interactuando también con las relaciones familiares. Teniendo esto en cuenta, esta revisión de literatura sistemática-narrativa tuvo como objetivo comprender las relaciones entre el uso de las TIC por parte de niños de 10 a 12 años y las interacciones familiares. Los artículos revisados fueron recuperados de las bases de datos EBSCO, PsycINFO y BVSPsi y 12 artículos conformaron el corpus después de los procedimientos de selección. Los resultados llevaron a tres categorías temáticas: Patrones de uso de las TIC; Preocupaciones de los padres sobre el uso de las TIC por parte de los niños y las estrategias de regulación de los padres; y Relaciones entre el uso de las TIC y las interacciones familiares. Los resultados arrojaron que los niños podían acceder fácilmente a los dispositivos digitales y tenían una alta frecuencia de uso. Los padres expresaron su preocupación por los riesgos a los cuales sus hijos están vulnerables cuando usan las tecnologías, pero al mismo tiempo, tenían dificultades sobre cómo supervisar este uso. Las estrategias de control parental fueron diversas y los estudios investigaron una mayor supervisión de los padres sobre la cantidad de tiempo que los niños pasaban usando tecnologías en lugar del contenido al que accedían. Los resultados mostraron que el uso de las TIC por parte de los niños puede tener un impacto positivo o negativo en las interacciones familiares, y que la dinámica relacional de la familia también puede influir en la forma en que los niños usan las TIC. Es necesario profundizar este conocimiento a través de nuevos estudios y comprender las relaciones circulares y la retroalimentación entre todos los elementos identificados.

Palabras-clave: niño, tecnología de la información, relaciones familiares.

Introdução

As tecnologias de informação e comunicação (TIC's) são definidas como mecanismos tecnológicos capazes de sintetizar e transmitir informações (Vilarinho-Rezende, Borges, Fleith, & Joly, 2016). A rápida evolução tecnológica se reflete na inserção desses mecanismos, tais como *smartphones*, *tablets*, computadores e videogames, no dia a dia das pessoas, em diferentes faixas etárias e em diferentes contextos de suas vidas. Os adolescentes da atualidade, por exemplo, vivenciam o uso constante de diferentes TIC's desde sua infância. Um estudo brasileiro realizado no ano de 2011 com vinte adolescentes de nível socioeconômico médio, identificou que, naquela época, os jovens começavam a utilizar o telefone celular por volta dos 11 ou 12 anos (Sant'anna & Garcia, 2011). Já em pesquisa desenvolvida com uma amostra nacional, socioeconomicamente variada, estratificada de acordo com os domicílios do Censo 2010 e realizada em 2018 pelo Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da

Sociedade da Informação (2018), 53% das crianças e adolescentes de 9 a 17 anos indicaram que começaram a utilizar a internet antes dos 11 anos, sendo que, destes, 12% iniciaram antes mesmo dos 6 anos de idade.

Muitas pesquisas têm buscado identificar as repercussões do uso das tecnologias em diferentes domínios da vida de crianças e adolescentes. Segundo Nuutinen, Ray e Roos (2013), a presença de mídias eletrônicas no quarto da criança está relacionada a hábitos de sono irregulares, uma vez que o uso do computador e da televisão no quarto pode atrasar o horário de ir para a cama e reduzir o tempo de sono das crianças.

Conforme Yang, Helgason, Sigfusdottir e Kristjansson (2013), é possível verificar relações entre o tempo de uso de tecnologias por crianças de 10 a 12 anos e alguns indicadores negativos de saúde mental. Observou-se que, quanto maior o tempo de uso diário de aparelhos tecnológicos, como televisão, computador e videogames, maior a probabilidade de a criança experimentar pouco interesse em fazer as coisas, pouco apetite, solidão, choro fácil, problemas para dormir, tristeza e pouca esperança em relação ao futuro.

Tais consequências parecem ser reguladas pela maneira como as TIC's são utilizadas pelas crianças e adolescentes, uma vez que o uso dessas ferramentas também pode trazer impactos positivos para o desenvolvimento, tais como maior criatividade (Vilarinho-Rezende et al., 2016), maior possibilidade de acesso a informações e intervenções educativas (Aragão, Gubert, Torres, Silva, & Vieira, 2018) e maior facilidade na comunicação e na troca de informações entre membros da família (Stein, Osborn, & Greenberg, 2016). Tais resultados parecem estar diretamente relacionados ao manejo parental do uso que crianças e pré-adolescentes fazem das TICs, uma vez que as práticas parentais podem ser decisivas para a prevalência ou não de um uso de tecnologias mais funcional e benéfico para esses indivíduos.

Valencia e Gómez (2014) identificaram três perfis de uso da internet por pais, sugerindo que a maneira como os pais utilizam as TIC's se relaciona com a maneira como manejam o uso dos filhos. O primeiro e o segundo perfil são, respectivamente, de pais que não fazem uso direto do computador e de pais que utilizam o computador e a internet

com limitações, precisando da ajuda dos filhos para isso. Estes pais podem acabar criando normas e regras a respeito do tempo e do uso que os filhos farão das tecnologias, utilizando estratégias delimitadas pela sua baixa habilidade quanto ao uso das TICs, como esconder o cabo do computador ou proibir que os filhos façam uso, por exemplo. Já o terceiro perfil é formado por pais que possuem um alto nível de envolvimento com o computador e a internet e, por conta disso, tendem a realizar um controle direto sobre o uso da internet pelos filhos, podendo assim utilizar táticas mais sofisticadas, como colocar senhas ou usar programas para fins de controle de acesso.

Diferenças no perfil de uso das TIC's por pais e filhos podem gerar conflitos entre eles. Por exemplo, a crença de que a internet causa um distanciamento entre pais e filhos e a queixa de que os filhos não fazem suas tarefas e obrigações em função do tempo que passam utilizando a internet são frequentes, principalmente por parte dos pais que não fazem uso direto de tecnologias (Valencia & Gómez, 2014). Além disso, muitos conflitos entre pais e filhos sobre o uso dos meios digitais estão relacionados aos riscos que o seu uso traz e que se tornam preocupações para os pais. Dentre esses riscos, estão a dependência da internet e das tecnologias (Picon et al., 2015), a possibilidade de envolvimento com *cyberbullying* (Giménez, Luengo, & Bartrina, 2017) e a dificuldade de controlar com quem os filhos se comunicam (Valencia & Gómez, 2014).

Quando se observa o uso das TIC's feito pelos pais, porém, também há elementos geradores de conflitos. Pais que possuem um alto nível de envolvimento com as TIC's podem acabar extinguindo as fronteiras entre os espaços de trabalho e os espaços familiares ao realizar tarefas de trabalho no tempo e nos espaços dedicados à família (Ragsdale & Hoover, 2016). De acordo com um estudo desenvolvido por Radesky et al. (2014), no qual 55 cuidadores acompanhados de, pelo menos, uma criança foram observados durante as refeições em um restaurante de *fast-food*, a maioria dos adultos utilizou aparelhos eletrônicos na presença das crianças, sendo que a interação entre cuidadores e crianças foi prejudicada pela absorção do adulto diante do aparelho eletrônico que manuseava. Os pesquisadores registraram duas classes de comportamentos das crianças frente à falta de interação dos adultos, sendo elas a aceitação do pouco

envolvimento ou o comportamento de solicitar a atenção dos pais, a qual gerava respostas negativas dos adultos em grande parte das tentativas.

Frente a isso, evidencia-se que a família sofre influências do avanço das tecnologias, mas age recursivamente no fenômeno na medida em que é a reguladora dessa interferência. Sendo assim, considera-se necessário sistematizar o que já se sabe acerca dessa relação para que se possa propor novos estudos, os quais possibilitem aprofundar o conhecimento tanto das influências das TIC's nas famílias, quanto do poder regulatório das famílias sobre o uso das TIC's.

Objetivos

A presente pesquisa desenvolveu-se com o objetivo de compreender quais são as relações entre o uso das TICs por crianças de 10 a 12 anos e as interações familiares.

Método

Foi realizada uma revisão narrativa-sistemática da literatura (Best, Manktelow, & Taylor, 2014). Este tipo de revisão consiste no uso de procedimentos sistemáticos para a busca dos artigos e para a síntese dos resultados, os quais são apresentados, primariamente, de forma qualitativa por meio do uso de textos e palavras, assim se diferenciando de procedimentos quantitativos como as metanálises (Popay et al., 2006). A revisão foi conduzida nas bases de dados *Academic Search Premiere* (EBSCO), BVS-Psi e PsycINFO. Estas bases foram escolhidas por contemplarem uma parcela significativa da produção nacional e internacional em psicologia. Inicialmente, foram efetuadas buscas piloto para identificar e definir os descritores mais adequados para a revisão, o que resultou em cinco combinações de descritores: *ICT AND family AND children; electronic media AND family AND children; technology use AND family AND children; electronic games AND family AND children; internet use AND family AND children.*

As buscas foram limitadas a artigos publicados no período de 2008 a 2019, publicados em revistas revisadas por pares e que disponibilizassem o texto completo. A busca, a seleção dos estudos e a extração dos dados foram realizadas por quatro juízes.

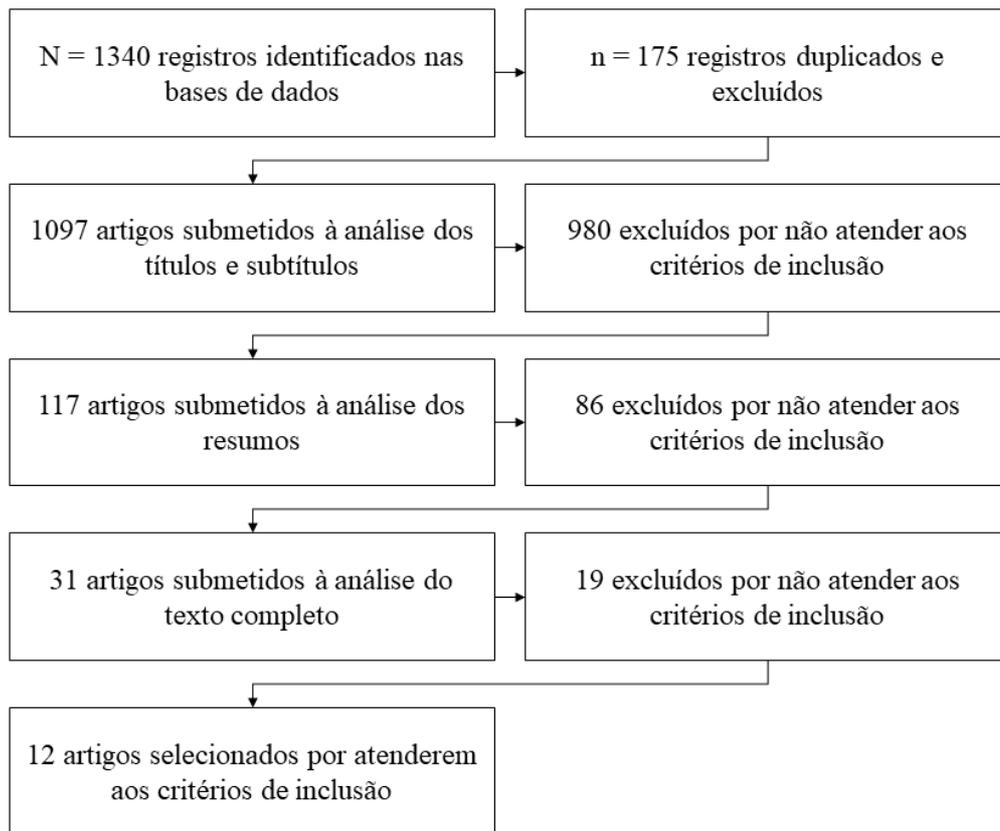
Destes, dois realizaram os procedimentos nas bases PsycInfo e BVS-Psi e outros dois na base Academic Search Premiere (EBSCO). Além disso, dois juízes adicionais acompanharam o processo e revisaram os artigos selecionados em cada etapa a fim de garantir a unicidade dos critérios de inclusão.

Desta forma, a primeira etapa da coleta de dados consistiu na realização de buscas com todos os conjuntos de descritores nas três bases, registrando-se todos os resultados em uma planilha organizada por título do manuscrito, base consultada, data da busca e descritor utilizado. Foram localizados 1340 artigos, dos quais 175 eram duplicados, restando 1097. Após a remoção dos registros duplicados, realizou-se seleção dos artigos de interesse por meio da leitura dos títulos e subtítulos, resultando em 117 artigos. Estes tiveram seus resumos analisados, resultando em 31 registros que pareciam atender aos critérios de inclusão, os quais foram lidos na íntegra por quatro membros da equipe.

Através desta leitura, as seguintes informações foram extraídas e organizadas em uma segunda planilha: local de realização do estudo, ano de publicação, revista publicada, delineamento, tamanho da amostra, número de participantes, média de idade, idade mínima e máxima, tecnologia investigada pelo artigo, principais objetivos, principais resultados e limitações dos estudos. Por meio dessas informações, todos os membros da equipe deliberaram sobre a inclusão ou exclusão dos artigos na pesquisa considerando os critérios de inclusão: artigos empíricos, qualitativos e quantitativos, publicados nos idiomas português, inglês e espanhol, que discutissem a relação entre uso das tecnologias e relacionamento familiar envolvendo crianças de 10 a 12 anos. Nesta etapa, 19 artigos foram excluídos, majoritariamente por investigarem outras faixas etárias ou por não enfocarem a interação entre o uso das tecnologias e aspectos das relações familiares. Ao final de todos os procedimentos, 12 artigos atenderam aos critérios de inclusão e compuseram o corpus da revisão. O fluxograma (Figura 1) permite a visualização dos procedimentos.

Figura 1

Fluxograma da seleção dos artigos



A descrição dos artigos incluídos está descrita brevemente na Tabela 1. Para a análise dos dados fornecidos pelos 12 artigos selecionados, optou-se pela realização de uma Análise de Conteúdo Temática (Bardin, 2011) das seções de Resultados de cada artigo. Cabe ressaltar que, apesar de os artigos selecionados enfocarem os resultados referentes a crianças com 10 a 12 anos, poucos estudos investigaram exclusivamente essa faixa etária. Desta forma, o espectro de idade das amostras é maior do que este recorte, porém, todas incluem a faixa etária pretendida.

Tabela 1

Artigos incluídos na revisão

ID artigos	Referência	País do estudo	Participantes	Objetivos
A1	Almeida et al. (2013)	Portugal	Primeira fase: 3207 crianças do 4º, 6º e 9º anos, 50 pais e 50 professores	Compreender de que forma o uso das TICs pelas crianças altera as categorias geracionais
A2	Correa et al. (2016)	Brasil	15 pais de crianças com 6 a 12 anos	Identificar a percepção dos pais acerca do impacto do uso das tecnologias na saúde dos filhos
A3	Davis (2012)	Estados Unidos	260 pais de crianças com 8 a 18 anos	Explorar as relações entre a busca de informações, preocupações dos pais, riscos para as crianças e recursos de segurança digital
A4	Dinleyici et al. (2016)	Turquia	333 pais de crianças com 1 mês a 18 anos	Avaliar o uso de tecnologias por crianças e as crenças e atitudes dos pais a respeito deste uso
A5	Hust et al. (2011)	Estados Unidos	425 pais de crianças, desde bebês até adolescentes	Identificar fatores associados à permissão dos pais para que os filhos assistam a certos conteúdos na televisão
A6	McDonald et al. (2018)	México	202 mães de crianças com 6 a 10 anos	Estudar as relações entre obesidade, sedentarismo e o uso de TICs por crianças
A7	Padilla-Walker et al. (2019)	Estados Unidos	1155 crianças e adolescentes com 10 a 20 anos	Explorar as relações entre monitoramento parental das mídias e sintomas internalizantes, uso das mídias e de multitarefas
A8	Sanders et al. (2016)	Estados Unidos	615 pais de crianças com 3 a 17 anos	Examinar as associações entre a parentalidade

				adaptativa, estratégias de monitoramento e uso de dispositivos tecnológicos de tela por crianças
A9	Torrecillas-Lacave et al. (2017)	Espanha	8 pais e mães de crianças no 2º ao 5º ano primário, e 8 pais e mães de filhos em educação secundária obrigatória	Estudar a casa como cenário para inclusão digital e as formas de mediação parental do uso de TICs pelos filhos
A10	Venkatesh et al. (2019)	China	776 pares de pais e adolescentes, com 11 a 17 anos	Examinar a influência do comportamento parental na adição à internet de crianças e as consequências da adição à internet no trabalho dos pais
A11	Willett (2016)	Estados Unidos	11 crianças de 7 a 11 e seus pais	Examinar práticas de jogos online de crianças em seu cotidiano e como elas são influenciadas por fatores de desenvolvimento e pelo contexto social
A12	Willett (2017)	Estados Unidos	11 crianças de 7 a 11 e seus pais	Analisar o processo de entrada dos jogos na família e o dia-a-dia de famílias com crianças que jogam jogos online

Resultados

A Análise de Conteúdo resultou na identificação das seguintes categorias temáticas: 1) Padrões de uso das TIC's; 2) Preocupações dos pais acerca do uso das TICs pelas crianças e estratégias de regulação parental; e 3) Relações entre o uso das TIC's e as interações familiares. A seguir, serão apresentados os principais resultados em cada uma das categorias.

Padrões de uso das TICs

Essa categoria condensa os resultados que discorreram sobre as variáveis sociodemográficas dos participantes relacionadas ao uso de TICs, os tipos de dispositivos utilizados, as características e as formas como os utilizam e a frequência e tempo de uso. No que diz respeito às variáveis sociodemográficas relacionadas ao uso de TICs, constatou-se que, nas famílias em que os pais possuem maior escolaridade, a presença das tecnologias em casa é maior em comparação com as famílias cujos pais possuem baixa escolaridade. Nas primeiras, são os pais quem ensinam os filhos a utilizar a internet. Já nas famílias com menor índice de escolaridade, é comum que os filhos aprendam a usar a internet com professores ou em cursos de informática e ensinem seus pais. Nessas famílias, são as crianças quem mais acessam a internet (A1). Os domicílios urbanos de famílias nas quais as crianças frequentam a escola tendem a ser locais muito conectados e com forte presença de dispositivos tecnológicos (A9).

Na maior parte dos estudos incluídos na revisão foram pesquisadas diferentes TICs, abordando os dispositivos e mecanismos de uso utilizados pelos participantes. Observou-se que mais de 90% das crianças e pré-adolescentes tinham acesso à internet em algum dispositivo (A1, A6). Sobressaíram-se como dispositivos mais utilizados o computador (A1, A6), a televisão (A2, A5, A8), o celular/*smartphone* (A4, A6, A9) e o tablet/*ípad* (A4, A9). Outros estudos enfocaram os jogos online, abordando os dispositivos utilizados para esse fim (A11, A12).

Acerca das características e formas de uso do computador ou notebook, a principal finalidade do uso desse dispositivo pelas crianças em dias de semana era fazer os deveres escolares (A6). Uma das pesquisas encontrou que 50% das famílias tinham apenas um computador e, em 40% da amostra, as crianças tinham o seu próprio dispositivo (A10). Em famílias de baixa renda, identificou-se que é comum o compartilhamento do computador de mesa ou notebook, sendo utilizado em momentos diferentes e para finalidades distintas, majoritariamente, estudos ou trabalho. Nesse estudo, o uso de um aparelho de forma compartilhada e simultânea por pais e filhos era praticamente

inexistente, visto que eles utilizam esses dispositivos de maneiras muito diferentes (A9). Em outro estudo, observou-se forte presença de computador com acesso à internet no quarto das crianças cujos pais possuíam escolaridade em nível superior completo (A4).

A respeito das características do uso da televisão, encontrou-se que os pais visualizavam a televisão como uma espécie de babá-eletrônica que proporciona companhia aos filhos (A2). Constatou-se que a maioria das famílias deixavam a televisão ligada enquanto as crianças faziam as refeições, o que se associou ao uso intenso de tecnologias nos dias de semana e nos finais de semana (A6). Outras pesquisas documentaram que a maioria das crianças estudadas tinha televisão no quarto (A1) e que a maioria dos pais acreditava que o melhor momento para o filho ter uma televisão no quarto era após os 18 anos, porém, um número significativo de genitores permitia que seus filhos menores assistissem televisão sozinhos por até 2h ao dia (A4).

No tocante ao uso de celular/*smartphone*, constatou-se que muitos pais não consideram importante que os filhos tenham um dispositivo móvel próprio antes dos 12 anos, uma vez que o utilizam em casa para atividades de entretenimento. Porém, a partir do momento em que os filhos começam a realizar atividades mais autônomas fora do ambiente doméstico, o uso do celular como forma de comunicação passa a se tornar necessário, tanto para a comunicação com a família quanto com os pares (A9). Outra pesquisa observou que, apesar de a maioria dos pais acreditar que o melhor momento para os filhos terem um celular fosse a partir dos 12 anos, boa parte deles acreditava que entre 6 e 11 anos poderia ser um bom momento (A4).

Sobre o uso de *tablet/Ipad*, um estudo apontou que a grande maioria dos pais participantes da pesquisa possuía este aparelho e permitia que seus filhos o utilizassem. Uma parte deles, principalmente as crianças menores, utilizavam-no inclusive durante as refeições (A4). Outra pesquisa identificou que o *tablet* foi o dispositivo mais comumente adquirido para crianças com idades precoces. Nas famílias estudadas, era a tecnologia mais atrativa para elas, sendo utilizada para acompanhar canais, filmes e séries infantis, assistir clipes e ouvir músicas no YouTube e jogar jogos (A9).

Dois dos estudos selecionados tiveram foco nos jogos. Um deles demonstrou que a apropriação dos jogos pelos pré-adolescentes era influenciada por elementos da história e da configuração familiar, assim como pela crença dos pais de que adquirir um dispositivo próprio para jogos resultaria em maior independência (A12). O outro estudo observou que todos os pré-adolescentes da pesquisa tinham um tempo diário definido para o uso de jogos, visto que esta era considerada uma atividade dentre aquelas voltadas ao uso de tecnologias e, nas famílias participantes, o tempo de uso diário de uso de tecnologias era limitado. Os pré-adolescentes do estudo escolhiam jogar jogos como forma de entretenimento, e não apenas uma atividade para preencher seu tempo livre (A11).

Em relação ao tempo e frequência de uso dos dispositivos, um estudo identificou que 26,2% das crianças usavam alguma mídia por mais de duas horas por dia durante a semana e 14,9% delas usavam constantemente durante a semana. Nos fins de semana, 41,6% das crianças usavam por mais de duas horas por dia e 25,2% usavam de forma constante (A6). Outras pesquisas encontraram que o uso desses dispositivos por crianças e adolescentes pode chegar a mais de quatro horas diárias (A4).

Preocupações dos pais acerca do uso das TICs pelas crianças e estratégias de regulação parental

Essa categoria aborda os resultados concernentes às principais preocupações relatadas pelos pais diante dos riscos que o uso das TICs oferece aos filhos, as estratégias de regulação parental mais utilizadas e as relações entre essas estratégias e o tempo de uso de TICs pelas crianças. Encontrou-se que as preocupações mais relatadas pelos pais são que os filhos entrem em contato com bullying (A9, A12) assédio sexual (A3, A12), pornografia, conteúdo sexual (A3) e solicitações de cunho sexual de estranhos, ou que os filhos compartilhem informações pessoais com estranhos (A3, A9) e desenvolvam dependência da internet (A9).

Constatou-se que, mesmo que os pais percebam a existência de riscos inerentes ao acesso às tecnologias, eles permitem o acesso dos filhos à internet (A9). A busca ativa de

informações sobre riscos digitais e a atenção às informações que circulam na mídia são maiores quando os filhos já foram expostos a riscos. Porém, encontrou-se que as estratégias de controle e regulação dos pais não estão voltadas necessariamente para a prevenção da exposição dos filhos aos riscos digitais, mas sim à busca de soluções para os problemas, quando já estão instalados (A3).

Em geral, os estudos revisados indicaram a existência de grande variabilidade no que diz respeito ao controle e monitoramento parental acerca do uso que os filhos fazem das TICs. Vários estudos identificaram que os pais tendem a regular a quantidade de tempo que os filhos passam utilizando tecnologias e os horários que podem acessá-las (A2, A9, A11, A12), e uma pesquisa constatou que alguns pais também utilizavam como estratégia de mediação a comunicação e a conscientização sobre os perigos das TICs (A9). Um dos estudos indicou que a mediação parental tende a focar mais no tempo e frequência do uso do que no conteúdo acessado (A2). Nesse sentido, algumas pesquisas mostraram que, enquanto alguns pais não possuem nenhum método de supervisão, outros referem monitorar os conteúdos acessados por meio de ferramentas de filtro, compartilhamento de senhas entre filhos e pais e verificação do histórico de navegação (A4, A9). Uma das investigações observou que os pais que possuem menos conhecimento sobre as TICs tendem a utilizar menos estratégias de mediação e controle (A1).

No tocante ao monitoramento do conteúdo, uma pesquisa analisou a tendência dos pais em permitir que seus filhos assistam a cenas envolvendo conteúdo violento, sexual ou familiar de acordo com as estratégias parentais de mediação do acesso e com os padrões de comunicação familiar. Encontrou-se que os pais que utilizavam estratégias ativas, baseadas no diálogo crítico sobre os conteúdos assistidos, permitiam que os filhos assistissem aos conteúdos com temas familiares e violentos, mas não sexuais. Por sua vez, os pais que utilizavam estratégias restritivas, baseadas na imposição de regras fixas, não permitiam o acesso nem a conteúdos violentos, nem a conteúdos sexuais. A partir desses resultados, os autores pontuam que os pais parecem se sentir mais preparados para conversar com seus filhos sobre conteúdos violentos do que sobre conteúdos sexuais,

sugerindo que a permissividade ao uso das tecnologias se relaciona com o conforto dos próprios pais a respeito dos conteúdos em foco (A5).

Nessa mesma pesquisa, encontrou-se que os pais que estimulavam o diálogo e a autonomia dos filhos permitiam que eles assistissem a todos os tipos de conteúdos. Por sua vez, aqueles que estimulavam a obediência às regras e valores, às figuras de autoridade e à evitação do conflito não autorizavam que os filhos assistissem a conteúdos sexuais, mas permitiam o acesso aos conteúdos orientados para a família e aos violentos (A5). Outro estudo também investigou o impacto das estratégias que fomentavam a autonomia dos filhos e das estratégias restritivas no tempo de uso das mídias nos filhos. O único tipo de estratégia de monitoramento que se associou a um tempo menor de uso foi a estratégia que restringe o tempo de utilização, ao mesmo tempo em que fomenta a autonomia e o pensamento crítico dos filhos. Tanto as estratégias que enfocam o controle dos pais em detrimento da autonomia dos filhos, quanto a estratégia que fomenta a autonomia, sem restrição de tempo de uso, mostraram-se inefetivas para diminuir o tempo de uso que os adolescentes faziam das TICs (A7).

Um estudo também observou que, por si só, a parentalidade adaptativa, ou seja, aquela demarcada por carinho, reforço positivo, envolvimento e controle comportamental, não esteve diretamente relacionada ao tempo de uso de dispositivos eletrônicos em nenhum dos estágios do desenvolvimento. Quando os pais utilizavam a parentalidade adaptativa associada a regras claras específicas sobre o uso das TICs havia a diminuição do tempo de uso de dispositivos eletrônicos em crianças pequenas e, em menor escala, na infância intermediária (8 a 12 anos) e na adolescência, indicando que as regras parentais sobre o uso perdem força conforme a criança se desenvolve (A8). Os resultados encontrados por outro artigo corroboram a importância de uma relação segura entre pais e filhos ao indicar que as estratégias parentais de monitoramento e de controle utilizadas para diminuir os índices de adição à internet de seus filhos eram efetivas apenas quando o relacionamento entre pais e filhos era pautado em um estilo de apego seguro (A10).

Relações entre o uso das TICs e as interações familiares

Nessa categoria encontram-se os resultados que apontaram mais diretamente para as relações entre o uso das TICs e as interações familiares, abordando as principais influências do uso das tecnologias nas famílias e a maneira como as dinâmicas familiares também influenciam no uso das TICs. Em relação às influências do uso das tecnologias nas famílias, houve diversos resultados. Conforme mencionado na primeira categoria temática, “Padrões de uso”, um artigo mostrou que, em famílias com menores condições econômicas, são as crianças que levam a inovação digital para o ambiente familiar, tendo os adultos menos conhecimento no tocante à saberes tecnológicos. Segundo esse estudo, isso pode resultar em um distanciamento entre as gerações. Por sua vez, quando pais e filhos participam conjuntamente do processo de introdução da tecnologia na família, esta acaba criando um sistema de comunicação que aproxima os membros, possibilitando também um maior controle e acompanhamento por parte dos pais (A1).

Uma das pesquisas encontrou que o uso de tecnologias foi considerado pelos pais como constante e inevitável, porém, tendo como consequências maior isolamento dos filhos em relação à família, sedentarismo e diminuição da busca por outras formas de brincar (A2). Em outro estudo, no qual havia situações de adição à internet pelos filhos, este uso interferia nas atividades de trabalho dos pais, impactando na sua satisfação com o trabalho, no seu comprometimento com a organização e em maior exaustão com o trabalho (A10). Outra pesquisa também encontrou que o uso das TICs pode tanto prejudicar a interação familiar, quando o seu uso é individualizado e resulta em menos conversas presenciais entre os membros da família, quanto facilitar a comunicação entre os seus integrantes, já que as mensagens instantâneas podem criar novas formas de interação no cenário doméstico, as quais têm o potencial de reforçar o vínculo familiar ao permitir um canal de comunicação permanente (A9).

Em relação à influência da interação familiar no uso das TICs, menos estudos foram encontrados. Uma pesquisa encontrou que as famílias que faziam refeições juntas três vezes por semana ou mais relataram um menor uso de tecnologias de forma geral, em relação às que faziam menos refeições juntas na semana. Além disso, famílias que

passavam algum tempo juntas duas ou três vezes por semana relataram um menor uso de tecnologias nos finais de semana (A6). Em outro estudo, os pais relataram observar um uso maior das tecnologias pelos filhos quando eles mesmos utilizam estas ferramentas de forma habitual (A9).

Uma pesquisa pontuou a existência de influências circulares entre os jogos online e a interação familiar, sendo que os jogos impactam nas atividades diárias da família, ao mesmo tempo em que seu uso é moldado pelas histórias, valores e forma de relacionamento entre seus integrantes. Nesse sentido, encontrou-se que a decisão sobre quais consoles ou dispositivos comprar perpassa um processo de negociação que atenda tanto as necessidades dos filhos, quanto as dos pais. Como exemplo, os pais entendem que o pré-adolescente pode adquirir seu próprio dispositivo para jogos, como tablet/Ipad ou celular, por considerar que isso vai ajudá-lo em sua independência, mas também por entender que o uso pelos filhos dos dispositivos eletrônicos dos pais passa a se tornar inconveniente com o tempo. Adicionalmente, observa-se neste estudo que os pais que jogam e valorizam o videogame como estratégia de entretenimento transmitem esse interesse para os filhos (A12).

Discussão

Este estudo investigou as pesquisas publicadas entre 2008 e 2019 a respeito das relações entre o uso de tecnologias de informação e comunicação por crianças de 10 a 12 anos com as interações familiares. A análise dos artigos selecionados resultou em três categorias temáticas que permitiram compreender os padrões de uso das tecnologias pelas crianças, as preocupações parentais, as suas estratégias de monitoramento e algumas relações entre este uso com as interações familiares.

Dentre os dados mais frequentes trazidos pelos artigos investigados está a forma de utilização das TICs pelas crianças e pré-adolescentes, especialmente, o tempo e a frequência de uso. De forma geral, estes estudos denotaram que as crianças, pré-adolescentes e adolescentes tendem a permanecer um número significativo de horas conectados a dispositivos tecnológicos, o que é corroborado por outras investigações

sobre o tema que apontam que esta quantidade de tempo pode chegar a até 10h por dia em pré-adolescentes (Rosen et al., 2014).

Este foco no tempo de utilização demonstra a preocupação existente a respeito do impacto que o uso recorrente e constante de tecnologias pode causar em indivíduos em desenvolvimento, aspecto amplamente discutido na literatura científica. Conforme Eisenstein e Silva (2016), o uso feito pelas crianças pode ser positivo e trazer contribuições importantes para o desenvolvimento, porém, quando muito intensivo, pode provocar impactos negativos em diferentes aspectos, como no crescimento e desenvolvimento corporal, na saúde mental e comportamental, no desenvolvimento sexual, além de outros riscos à saúde em geral.

Tais problemas têm sido reportados em idades cada vez mais precoces (Eisenstein & Silva, 2015), indicando que os cuidadores têm permitido o acesso frequente às tecnologias em etapas iniciais do desenvolvimento. Nesse sentido, a partir desta revisão narrativa-sistemática, observou-se a existência de uma ambivalência entre os pais em relação à forma de lidar com os avanços tecnológicos que permeiam a vida dos seus filhos, pois ao mesmo tempo em que consideram que o uso de tecnologias pelas crianças é normal, também tendem a considerá-lo negativo para a sua saúde. Diante desta consideração de que o uso das TICs é inevitável, muitos pais acabam permitindo que os filhos, ainda crianças, tenham acesso à dispositivos tecnológicos próprios ou em seus quartos, o que foi observado nas pesquisas de Dinleyici et al. (2016) e Correa et al. (2016).

Essa dualidade também é observada quando se trata das preocupações parentais a respeito dos riscos que seus filhos correm ao utilizar as tecnologias, pois os pais percebem esses riscos, mas não necessariamente impedem ou limitam o acesso dos filhos às TICs. Como exemplo, Dinleyici et al. (2016) apontaram que mais da metade das crianças e adolescentes estudados com perfil na rede social *Facebook*, tinha, durante a pesquisa, menos de 13 anos, idade mínima permitida para criar uma conta.

Para melhor compreender estes aspectos, muitos estudos buscaram investigar as estratégias de mediação e controle utilizadas pelos pais. Observou-se que a maioria dos pais que participaram das pesquisas selecionadas relataram possuir algum tipo de

estratégia de monitoramento do uso que seus filhos fazem das TICs, porém, também foram observados pais que não possuíam nenhum tipo de controle e que permitiam que os filhos acessassem às TICs sem supervisão. Conforme Cabello, Claro e Cabello-Hutt (2016), o baixo índice de monitoramento ocorre porque os pais, normalmente, não têm tempo suficiente para exercitar o acompanhamento próximo recomendado pela literatura. Apesar disso, é fundamental que a imersão de crianças e adolescentes no mundo digital seja realizada com a presença de adultos que os acompanhem e orientem, especialmente quando esses estão aprendendo a utilizar as tecnologias (Hughes & Pereiro, 2019).

Porém, essa mediação nem sempre é possível de ser realizada pelos pais de maneira tão próxima, especialmente por aqueles que não possuem conhecimentos suficientes a respeito dos avanços tecnológicos, como tende a ocorrer com os pais de menor escolaridade e renda (Almeida et al., 2013, Top, 2016). Estes pais, por terem menos conhecimento e envolvimento com as TICs, tendem a criar normas sobre a quantidade de tempo que os filhos utilizam tecnologias (Valência & Gómez, 2014). Uma consequência disso, observada nos estudos selecionados, parece ser a prevalência de um controle parental muito mais voltado para a frequência de uso do que para o conteúdo acessado, mesmo havendo a preocupação sobre a exposição dos filhos a possíveis riscos.

De modo geral, observou-se que mesmo os estudos que investigaram as estratégias de monitoramento parental enfocaram o impacto destas estratégias no tempo de uso, mais do que nos conteúdos acessados pelas crianças. Em conjunto, os resultados de tais estudos indicaram que o estímulo ao diálogo e à autonomia dos filhos, sem o uso de estratégias restritivas, não foram eficientes para diminuir a quantidade de horas de acesso aos dispositivos eletrônicos. Porém, se o estímulo à autonomia e ao pensamento crítico dos filhos, por si só, não foi suficiente para restringir o tempo de uso das tecnologias, o estilo restritivo, quando usado unicamente, também falhou em atender a esse objetivo (Hust et al., 2011, Padilla-Walker et al., 2019, Sanders et al., 2016, Venkatesh et al., 2019).

Esta combinação entre estratégias afetivas e que fomentam a autonomia e o pensamento crítico com aquelas restritivas e que propõem limites claros voltados ao uso das tecnologias se mostra de grande relevância face à tendência de uso das TICs ao longo

do desenvolvimento. Estudos mostram que, com o aumento da idade, as crianças e adolescentes tendem a utilizar as mídias digitais por cada vez mais tempo, podendo chegar a 18 horas de uso por dia na adolescência (Rosen et al., 2014). Em contrapartida, um estudo realizado com jovens de 10 a 17 anos mostrou que, quanto maior a idade, menor tende a ser o monitoramento dos pais (Top, 2016). Assim, o desenvolvimento precoce de uma relação de confiança, com um estímulo à análise crítica do uso das mídias, parece ser fundamental para que os pais possam permitir o exercício da autonomia pelos filhos, sem submetê-los a situações de risco.

Entretanto, não é somente o uso que os filhos fazem dos dispositivos tecnológicos que deve ser analisado: o uso que os pais fazem das TICs merece igual atenção, apesar de poucos estudos terem abordado este aspecto, especialmente considerando a inter-relação e a circularidade entre as ações parentais e os comportamentos dos filhos. Na investigação de Torrecillas-Lacave et al (2017), observou-se a percepção dos pais de que quando eles utilizam as TICs com mais frequência, os filhos também acabam fazendo um uso mais intensivo. Esse resultado parece indicar que, similarmente ao encontrado por Willett (2017) ao investigar os jogos digitais nas famílias, os significados e os valores do uso das diferentes tecnologias para os pais reverberam na maneira como os filhos irão se relacionar com elas. Outros estudos corroboram a necessidade de atentar para a forma como os pais utilizam as TICs uma vez que esta também pode ser geradora de conflitos e impactar nas relações familiares (Ragsdale & Hoover, 2016, Radesky et al, 2014).

No que tange às relações entre o uso das tecnologias pelas crianças com as interações familiares mais amplas, observou-se maior distanciamento entre os membros da família em função do uso frequente e individualizado das TICs (Torrecillas-Lacave et al., 2017, Correa et al., 2016), assim como o relato de um menor uso dos meios digitais nas famílias que fazem mais de três refeições juntas durante a semana (McDonald et al., 2018). Esses resultados parecem demonstrar a existência de uma relação clara entre a interação familiar e o uso das tecnologias, indicando tanto que os dispositivos eletrônicos reverberam na interação familiar, quanto que o estilo de interação de uma família pode influenciar no quanto seus membros fazem uso de tecnologias.

Porém, é importante observar que o uso das tecnologias nem sempre distancia a família, já que ela também possibilita uma nova forma de comunicação que pode, inclusive, facilitar a interação familiar (Torrecillas-Lacave et al., 2017). Esse dado deve ser considerado ao analisar o uso das tecnologias e o seu impacto nas relações familiares, visto que, dependendo da maneira como é feito, poderá impactar negativamente ou contribuir para o desenvolvimento de um novo canal de comunicação familiar.

Considerações finais

Esta revisão narrativa-sistemática da literatura resultou em dados relevantes a respeito das relações entre o uso das TICs por crianças e as interações familiares. Foi possível observar que não há consenso acerca de quais são os impactos do uso das TICs nas famílias, e nem de que formas as relações familiares influenciam no uso das mídias. Percebeu-se que os pais se preocupam com o impacto de sua utilização pelas crianças, mas tem diferentes manejos com relação a este uso, por vezes, não coerentes com o que afirmam pensar. Também ficou evidente que são muitos os fatores que influenciam nesta dinâmica, os quais variam desde o nível socioeconômico da família até o estilo de apego que predomina na relação entre pais e filhos.

É interessante observar que, salvo algumas exceções, os estudos discutiram ou o impacto das TICs na interação familiar, ou a influência de aspectos familiares no uso das TICs. Foram poucas as pesquisas que investigaram a conexão e a existência de influências circulares entre estes elementos. Além disso, observa-se que as variáveis familiares investigadas pelos estudos eram primariamente vinculadas ao tipo de monitoramento parental, havendo poucas informações acerca de outros elementos como comunicação, confiança, responsividade, apego, clima familiar, entre outros.

Assim, mesmo que os resultados encontrados sejam importantes, parecem não serem suficientes para compreender de que maneira as TICs influenciam as interações familiares e vice-versa, e nem a forma como estes aspectos se retroalimentam. Os dados mostram que há sim uma influência do uso das TICs nas famílias e que as interações familiares

também impactam na maneira como esse uso é feito, mas pouco se pode afirmar diretamente sobre esse impacto e suas implicações. Há uma tendência em enfatizar os aspectos negativos ou positivos desta interação, de forma segmentada, bem como uma forte tendência a investigar o tempo de uso das mídias, mais do que os conteúdos acessados pelas crianças. Sendo assim, há necessidade de aprofundar estes conhecimentos buscando estruturar estratégias para que as famílias consigam fazer um uso construtivo das tecnologias, uma vez que elas estão inseridas no cotidiano e tendem a ser cada vez mais presentes.

Cabe ressaltar que, dentre os estudos selecionados para a revisão narrativa-sistemática de literatura, apenas um foi realizado no Brasil, o que indica que o tema ainda é pouco pesquisado no país. No que diz respeito às limitações, é importante mencionar que os resultados explicitam as publicações vinculadas a três bases de dados e a cinco combinações de descritores, além de focar um recorte temporal específico. Entende-se que a busca com outros descritores e em outras bases poderiam resultar em outras informações.

Referências

- *Almeida, A. N., Alves, N. de A., Delicado, A., & Carvalho, T. (2013). Crianças e internet: A ordem geracional revisitada. *Análise social*, 48(207), 340-365. Recuperado de <http://www.scielo.mec.pt/pdf/aso/n207/n207a04.pdf>
- Best, P., Manktelow, R., & Taylor, B. (2014). Online communication, social media and adolescent wellbeing: A systematic narrative review. *Children and Youth Services Review*, 41, 27-36. <https://doi.org/10.1016/j.chidyouth.2014.03.001>
- Aragão, J. M. N., Gubert, F. A., Torres, R. A. M., Silva, A. S. R. & Vieira, N. F. C. (2018). The use of Facebook in health education: perceptions of adolescent students. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 71, 71-265. <http://dx.doi.org/10.1590/0034-7167-2016-0604>

Bardin, L. (2011). *Análise de Conteúdo*. São Paulo: Martins Fontes.

Cabello, P., Claro, M., & Cabello-Hutt. (2016). Mediação parental no uso de TIC segundo a percepção de crianças e adolescentes brasileiros: Reflexões com na pesquisa TIC Kids Online Brasil 2014. In.: Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR. Pesquisa sobre o uso da internet por crianças e adolescentes no Brasil: TICS kids online Brasil 2015. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil. Recuperado de https://cetic.br/media/docs/publicacoes/2/TIC_Kids_2015_LIVRO_ELETRONICO.pdf

Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (2018). Pesquisa sobre o uso da internet por crianças e adolescentes no Brasil: A3 - Crianças e adolescentes, por idade do primeiro acesso à internet - TIC Kids Online Brasil. Recuperado de http://data.cetic.br/cetic/explore?idPesquisa=TIC_KIDS

Coll, C., & Monereo, C. (2010). Educação e aprendizagem no século XXI: novas ferramentas, novos cenários, novas finalidades. In C. Coll, & C. Monereo (Eds.) *Psicologia da educação virtual: Aprender e ensinar com as tecnologias da informação e da comunicação*. Porto Alegre, RS: Artmed.

*Correa, A. M. G., Pereira, A. D., Backes, D. S., Ferreira, C. L. de, Gomes, I. E. M, & Signor, E. (2016). Impacto das tecnologias: O olhar dos pais acerca do viver saudável da criança. *Revista de Enfermagem do Centro Oeste Mineiro*, 1(6), 1915-1929. Recuperado de <http://www.seer.ufsj.edu.br/index.php/recom/article/view/903/1003>

*Davis, V. (2012). Interconnected but underprotected? Parents' methods and motivations for information seeking on digital safety issues. *Cyberpsychology, Behavior, and Social Networking*, 15, 669-674. <http://dx.doi.org/10.1089/cyber.2012.0179>

*Dinleyici, M., Carman, K. B., Ozturk, E., & Sahin-Dagli, F. (2016). Media use by children, and parents' views on children's media usage. *Interactive journal of medical research*, 5. <http://dx.doi.org/10.2196/ijmr.5668>

Eisenstein, E., & Silva, E. J. C. (2016). Crianças, adolescentes e o uso intensivo das tecnologias de informação e comunicação: desafios para a saúde. In.: Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR. *Pesquisa sobre o uso da internet por crianças e adolescentes no Brasil: TICS kids online Brasil 2015*. São Paulo: Comitê

Gestor da Internet no Brasil. Recuperado de https://cetic.br/media/docs/publicacoes/2/TIC_Kids_2015_LIVRO_ELETRONICO.pdf

Giménez, A. M., Luengo, J. A., & Bartrina, J. (2017). ¿Qué hacen los menores en internet? Usos de las TIC, estrategias de supervisión parental y exposición a riesgos. *Electronic Journal of Research in Educational Psychology*, 15, 533-552. <http://dx.doi.org/10.25115/ejrep.43.16123>

Hughes, C., & Pereiro, E. (2019). Uma análise comparativa das habilidades digitais de crianças e adolescentes no Brasil e Uruguai. In: Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR. *Pesquisa sobre o uso da internet por crianças e adolescentes no Brasil: TICS kids online Brasil 2018*. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil. Recuperado de https://cetic.br/media/docs/publicacoes/216370220191105/tic_kids_online_2018_livro_electronico.pdf

*Hust, S. J. T., Wong, W. J., & Chen, Y. Y. (2011). FCP and mediation styles: Factors associated with parents' intentions to let their children watch violent, sexual and family-oriented television content. *Journal of Broadcasting & Electronic Media*, 55, 380-399. <http://dx.doi.org/10.1080/08838151.2011.597465>

*McDonald, J. A., Sroka, C., Olivares, E., Marin, M., Gurrola, M., & Sharkey, J. R. (2018). Patterns of screen time among rural Mexican-American children on the New Mexico-Mexico border. *Preventing chronic disease*, 15. <http://dx.doi.org/10.5888/pcd15.180070>

Nuutinen, T., Ray, C., & Roos, E. (2013). Do computer use, TV viewing, and the presence of the media in the bedroom predict school-aged children's sleep habits in a longitudinal study? *BMC public health*, 13, 684, 2013. <http://dx.doi.org/10.1186/1471-2458-13-684>

*Padilla-Walker, L. M., Stockdale, L. A., & McLean, R. D. (2019). Associations between parental media monitoring, media use, and internalizing symptoms during adolescence. *Psychology of Popular Media Culture*. Advance online publication. <http://dx.doi.org/10.1037/ppm0000256>

- Passero, G., Engster, N. E. W., & Dazzi, R. L. S. (2016). Uma revisão sobre o uso das TICs na educação da geração Z. *Revista Novas Tecnologias na Educação*, 14. <http://dx.doi.org/10.22456/1679-1916.70652>
- Picon, F., Karam, R., Breda, V., Restano, A., Silveira, A. & Spritzer, D. (2015). Precisamos falar sobre tecnologia: caracterizando clinicamente os subtipos de dependência de tecnologia. *Revista Brasileira de Psicoterapia*, 27, 44-60. Recuperado de http://rbp.celg.org.br/detalhe_artigo.asp?id=177
- Popay, J., Roberts, H., Sowden, A., Petticrew, M., Arai, L., Rogers, M., et al. (2006). Guidance on the conduct of narrative synthesis in systematic reviews. *ESRC Methods Program* (Recuperado de <https://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.178.3100&rep=rep1&type=pdf>)
- Radesky et. al. (2014). Patterns of mobile device use by caregivers and children during meals in fast food restaurants. *Pediatrics*, 133, e843-e849. <http://dx.doi.org/10.1542/peds.2013-3703>
- Ragsdale, J. M., & Hoover, C. S. (2016). Cell phones during nonwork time: A source of job demands and resources. *Computers in Human Behavior*, 57, 54-60. <http://dx.doi.org/10.1016/j.chb.2015.12.017>
- Rosen, L. D. et al. (2014). Media and technology use predicts ill-being among children, preteens and teenagers independent of the negative health impacts of exercise and eating habits. *Computers in Human Behavior*, 35, 364-375. <http://dx.doi.org/10.1016/j.chb.2014.01.036>
- *Sanders, W., Parent, J., Forehand, R., & Breslend, N. L. (2016). The roles of general and technology-related parenting in managing youth screen time. *Journal of Family Psychology*, 30, 641. <http://dx.doi.org/10.1037/fam0000175>
- Sant'anna, H.C. & Garcia, A. (2011). Tecnologia da comunicação e mediação social: o papel da telefonia celular na amizade entre adolescentes. *Interação em Psicologia*, 15, 37-50. <http://dx.doi.org/10.5380/psi.v15i1.7537>

- Stein, C. H., Osborn, L. A. & Greenberg, S. C. (2016). Understanding young adults' reports of contact with their parents in a digital world: psychological and familial relationship factors. *Journal of Family Studies*, 25, 1802-1814. <http://dx.doi.org/10.1007/s10826-016-0366-0>
- Top, N. (2016). Socio-demographic differences in parental monitoring of children in late childhood and adolescents' screen-based media use. *Journal of Broadcasting & Electronic Media*, 60, 195-212. <http://dx.doi.org/10.1080/08838151.2016.1164168>
- *Torrecillas-Lacave, T., Vázquez-Barrio, T., & Monteagudo-Barandalla, L. (2017). Percepción de los padres sobre el empoderamiento digital de las familias en hogares hiperconectados. *El profesional de la información*, 26, 97-104. <http://dx.doi.org/10.3145/epi.2017.ene.10>
- Valencia, B. D., & Gómez, D. L. N. (2014). Familia e internet: Consideraciones sobre una relación dinámica. *Revista Virtual Universidad Católica del Norte*, 41, 30-44. Recuperado de <https://www.redalyc.org/pdf/1942/194229980004.pdf>
- *Venkatesh, V., Sykes, T. A., Chan, F. K. Y., Thong, J. Y. L., & Hu, P. J. H. (2019). Children's internet addiction, family-to-work conflict, and job outcomes: A study of parent-child dyads. *MIS Quarterly*, 43, 903-927. <http://dx.doi.org/10.25300/MISQ/2019/12338>
- Vilarinho-Rezende, D., Borges, C. N., Fleith, D. de S., & Joly, M. C. R. A. (2016). Relação entre tecnologias da informação e comunicação e criatividade: Revisão da literatura. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 36, 877-892. <http://dx.doi.org/10.1590/1982-3703001342014>
- *Willett, R. (2017). Domesticating online games for preteens—discursive fields, everyday gaming, and family life. *Children's Geographies*, 15, 146-159. <http://dx.doi.org/10.1080/14733285.2016.1206194>
- *Willett, R. (2016). Online gaming practices of preteens: Independent entertainment time and transmedia game play. *Children & Society*, 30, 467-477. <http://dx.doi.org/10.1111/chso.12155>

Yang, F., Helgason, A. R., Sigfusdottir, I. D., & Kristjansson, A.L. (2013). Electronic screen use and mental well-being of 10–12-year-old children. *The European Journal of Public Health, 23*, 492-498. <http://dx.doi.org/10.1093/eurpub/cks102>

As referências marcadas com asterisco indicam estudos incluídos na revisão sistemática.